

Os círculos literários femininos e o debate sobre a mulher virtuosa nos Estados Unidos do século XIX

Women's Literary Circles and the debate on the Virtuous Woman in the 19th Century United States

Stéfani Oliveira Verona¹

Resumo: O tema deste estudo são os círculos literários femininos do século XIX nos Estados Unidos, país que passava por uma reestruturação política após a Independência. Busco entender o debate das mulheres sobre a imagem reservada a elas como “Mães Republicanas virtuosas”, que fazia delas cidadãs, mas sem direitos formais. Procuro responder à questão de como as mulheres se organizaram através das redes de sociabilidade e de amizade para questionar padrões de gênero em uma sociedade que idealizava ideias de “igualdade”. O objetivo é compreender as contradições em torno da imagem mulher, encarando os círculos literários femininos como espaços de discussão política. Através da literatura, da escrita e da educação as mulheres provaram sua virtude cidadã fora de seu vínculo doméstico ou por sua associação com os homens, contribuindo com voz ativa para as discussões sobre a cidadania republicana e questionando seu papel paradoxal através dos círculos literários.

Palavras-Chave: Círculos literários femininos. Gênero. República. Estados Unidos. Representação Social.

Abstract: The theme of this study is the Women's Reading Circles of the 19th century in the United States, a country that was undergoing a political restructuring after Independence. I seek to understand the women's debate about their image as “virtuous Republican Mothers” that made them citizens, but without formal rights. I seek to answer the question of how women organized themselves through networks of sociability and friendship to question gender patterns in a society that idealized ideas of “equality”. The objective is to comprehend the contradictions around the image of women, having the Women's Reading Circles as spaces for political discussion. Through literature, writing and education, women have proven their civic virtue outside their association with men or their domestic bond, contributing with an active voice to discussions on republican citizenship and questioning their paradoxical role through the Reading Circles.

Key-Words: Women's Reading Circles. Gender. Republic. United States of America. Social Representation.

Durante o final do século XVIII e início do XIX ocorreu nos Estados Unidos o processo de independência. A vitória nas Guerras (1775-1783) contra a Inglaterra anunciava um novo tipo de organização social e política, pela primeira vez Republicana. Iniciou-se um longo processo de complexa institucionalização política, para a criação de novos mecanismos republicanos. Seguindo as ideias de

¹ Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

“ordem”, “cidadania” e “liberdade”, a narrativa de fundação dos Estados Unidos começou a se desenvolver com a ajuda dos intelectuais, originando um discurso que seria consolidado durante o século XIX. A organização política interna inicial, apesar de contar com um discurso de unificação, gerou novas disputas em torno do governo nacional, dando origens aos primeiros partidos na política e às primeiras áreas administrativas.

Nesta mesma época, as revistas, os jornais e livros também passaram por transformações. A crescente cultura literária alcançou camadas mais baixas da sociedade, que testemunhou um aumento nas publicações de textos escritos pelas mulheres americanas de classe média e alta. Elas participaram dos debates políticos e defenderam suas próprias causas, pois faziam parte de um dos grupos que havia sido “esquecido” após as Guerras, momento em que as instituições e direitos formais começaram a surgir apenas para os homens brancos abastados. A contribuição feminina foi fundamental nos conflitos de independência para o fortalecimento geral da causa, mas a vitória dos Estados Unidos não havia inserido a ideia de “igualdade” para todos. As mulheres intelectuais brancas, portanto, passaram a questionar seu direito à educação nas universidades, a frequentar as academias femininas em ascensão e a organizar reuniões que ficaram conhecidas como círculos literários femininos, com o objetivo de discutir a política e a sociedade.

Proponho, portanto, o estudo da formação de alguns destes círculos encarando-os como a ocupação de um espaço público antes reservado apenas aos homens. Busco entender sua motivação para discutir o papel feminino e para debater a política republicana através destes círculos, onde elas liam publicações políticas de jornais de revistas e produziam textos próprios. Procuro averiguar também as transformações políticas que geraram a necessidade de formar cidadãos virtuosos para o bom funcionamento da nação. Encaro a formação dos círculos literários como um questionamento do espaço limitado das mulheres e como uma forma de se inserirem no cenário nacional através das relações de amizade.

Utilizo as autoras Linda Kerber (1976; 1980), Barbara Welter (1966) e Samantha Ricci (2009) para entender o cenário ambíguo de transformações sociais nos Estados Unidos do século XIX. O trabalho de Roger Chartier (2009) é utilizado para compreensão do cenário literário. Utilizo também as autoras Mary Kelley (2003) e Susan Klepp (1988) para entender a formação dos círculos literários e o conceito de “Redes de Sociabilidade” de Norbert Elias (2000), partindo da ideia de que as reuniões dos círculos possibilitavam às mulheres se inserir ativamente na sociedade através de uma identificação em comum.

Parto também da concepção de “representação de gênero” segundo o pensamento de Michelle Perrot (2005), Maria Lygia Moraes (1998) e Lia Machado (1998) que defendem que as relações socioculturais entre homens e mulheres são resultado de uma dominação construída ao longo da história. Dentro desta concepção a imagem da mulher está diretamente relacionada ao espaço privado, mas ao mesmo tempo é parte fundamental da organização pública que separa valores e papéis específicos para cada sexo.

Revista Vernáculo n.º 50 – segundo semestre/2022

ISSN 2317-4021

Mães da República: as mulheres virtuosas

Apesar da experiência compartilhada dos perigos das Guerras de Independência, as mulheres não usufruíram dos mesmos benefícios políticos e sociais dos homens após a vitória dos Estados Unidos contra a Inglaterra. Linda Kerber escreve em “Women of the Republic” (1980) acerca da participação feminina nesta disputa.

O início da república parece diferente quando visto pelos olhos das mulheres. O exército revolucionário acabou dependendo das mulheres para cuidar da saúde, cozinhar e limpar. Tanto as forças patriotas quanto as conservadoras podiam recrutar homens não porque mulheres alegres os dispensavam à guerra, mas porque essas mesmas mulheres bravamente permaneceram sozinhas, mantendo fazendas e engenhos familiares em operação, afastando posseiros e protegendo a propriedade da família com seu trabalho pesado, frequentemente com grave risco físico² (KERBER, 1980, p.XI-XII, tradução minha).

Destaco a maneira como Kerber alude ao fato de que os homens podiam lutar as batalhas porque eram as mulheres que ficavam para trás para gerir as propriedades, responsabilizando-se por elas com coragem, mesmo enfrentando grandes perigos. O trabalho braçal já era conhecido por aquelas que ajudavam a família a se sustentar, mas passou a ser exercido também pelas representantes da classe média.

Por estes motivos, elas se consideravam sujeitos ativos, mesmo tendo que enfrentar o questionamento sobre seu espaço na sociedade e na política, pois este idealmente não deveria se sobrepor à vida familiar. O questionamento estava relacionado à ideologia do que significava ser cidadão, pois a mulher deveria exercer sua cidadania preparando seus filhos para a vida republicana, e não participando das discussões sobre quem tinha o direito de governar e quem deveria ser governado. Seu domínio eram as influências “morais” dentro da família, algo que continuou sendo próprio do feminino, mas que contava com novos significados (KERBER, 1980).

A posição dependente, porém, foi questionada pelas próprias mulheres nas reuniões literárias. Cresceu o interesse político das classes mais abastadas, assim como também era crescente a confusão ao redor do que seria ou não adequado para uma mulher, já que, de acordo com Kerber (1980, p.9, tradução minha), “mesmo os homens americanos mais radicais não tinham a intenção de fazer uma revolução no status de suas esposas e irmãs. A tutela marital continuou no início da República a moldar as relações das

² Do original: *The early republic does look different when seen through women's eyes. The revolutionary army turns out to have been dependent on women for nursing, cooking, and cleanliness. Both patriot and tory forces could recruit men not because cheerful women waved them off to war, but because those same women bravely stayed on alone, keeping family farms and mills in operation, fending off squatters, and protecting the family property by their heavy labor, often at grave physical risk.*

mulheres com o Estado”³. As diferentes camadas da ideologia republicana de liberdade e igualdade começaram a aparecer de formas diferentes para homens e mulheres, pois os homens tinham espaço na política, na economia e na educação, mas a participação das mulheres arrecadando dinheiro, comida e suprimentos durante a Guerra, arriscando-se como espiãs e assumindo os trabalhos de seus maridos “não mudaram sua identidade doméstica, ou desafiaram de maneira séria a definição tradicional do domínio feminino”⁴ (RICCI, 2009, p.211, tradução minha). O que havia mudado era o discurso que colocava como a principal tarefa da nova “Mãe Republicana”, a de criar os filhos homens para a cidadania.

Entretanto, mesmo esta designação apresentava certas dificuldades, porque elas mesmas não eram educadas o suficiente para transmitir amplos conhecimentos aos filhos. Na teoria, a República exigia, por meio dos discursos especializados e cultos dos médicos e filósofos, que a mulher tivesse a educação para ser mãe, mas, na prática, a mulher ainda lidava com a tradição de ter a escolaridade restringida para não ameaçar a estabilidade doméstica.

A imagem ideal da “Mãe Republicana” resgatava o que havia sido a Mãe Espartana, que criava seus filhos para se sacrificarem pelo bem de todos, da Pólis, assim como ela mesma. Construía-se uma imagem de suposta integração entre os lados doméstico e político da mulher, em uma combinação “que mascarava o propósito político pela promessa do serviço doméstico”⁵ (KERBER, 1976, p.188, tradução minha). Este também era o reflexo do “Culto à Verdadeira Feminilidade” (*Cult of True Womanhood*), enraizado através da valorização da domesticidade, que regia a conduta prática das mulheres no Ocidente Moderno. Sua construção histórica apelava para que elas representassem o equilíbrio social em um contexto ainda economicamente instável.

O “Culto à Verdadeira Feminilidade” exigia quatro virtudes na conduta das mulheres: a piedade (ou religiosidade), a submissão, a domesticidade e a pureza, em uma complexa relação de condutas a serem seguidas para que a mulher não se tornasse “uma inimiga de Deus, da civilização e da República”⁶ (WELTER, 1966, p.152, tradução minha). Esses quatro principais pilares eram a base do julgamento social pelo qual a mulher olharia para si mesma e também como seria encarada pelos outros. A falta das virtudes faria dela alguém que fracassou, mesmo que tivesse fortuna. Em contrapartida, o respeito aos quatro pilares geraria uma vida feliz e completa. A pureza e a inocência, principalmente, precisavam ser protegidas pela própria mulher e por sua família do mal externo, representado pelos prazeres carnavais antes do casamento e que faziam parte da provação das jovens.

³ Do original: Even the most radical American men had not intended to make a revolution in the status of their wives and sisters. Coverture continued into the early Republic and continued to shape the relations of women to the state.

⁴ Do original: *did not change their domestic identity, nor did they seriously challenge the traditional definition of the woman's domestic domain.*

⁵ Do original: *that masked political purpose by promise of domestic service.*

⁶ Do original: *an enemy of God, of civilization and of the Republic.*

A pureza era tão essencial quanto a piedade para uma jovem, e sua ausência era antinatural e não feminina. Sem ela, a mulher não era, de fato, nenhuma mulher, mas membro de alguma ordem inferior. Uma “mulher caída” era um “anjo caído”, indigno da companhia celestial de seu sexo. Contemplar a perda da pureza trazia tristeza; ser culpada de tal crime, pelo menos nas revistas femininas, trazia loucura ou morte⁷ (ibid., p.154, tradução minha).

Neste cenário, a submissão passava a ser a virtude mais importante após o casamento, pois a mulher que obedecia aos pais passava, posteriormente, a ter que obedecer ao marido. Já a religiosidade era esperada de todos, mas não como algo decisivo para o julgamento da conduta masculina. Esta ordem sócio-política colocava o homem como o guia da mulher, que precisava ser protegida ao mesmo tempo em que fornecia apoio ao marido, pois tinha uma posição inquestionável no lar, mesmo que sempre como “filha, irmã, mas principalmente como esposa e mãe” (ibid., p.162, tradução minha). Ela estava sempre relacionada ao outro, sem sua identidade independente.

Ao mesmo tempo, as evoluções literárias e o maior acesso das pessoas à cultura escrita possibilitaram, cada vez mais, a busca das mulheres por maneiras de se manifestar e discutir sobre diferentes assuntos. A leitura foi facilitada pelas práticas protestantes de criação de bibliotecas particulares, sendo que estes tinham, na maioria dos casos, três vezes mais livros do que os católicos (CHARTIER, 1986). Além disso, é possível identificar a ligação do protestantismo com a leitura e a escrita, pois, na América do século XVIII, a cultura religiosa protestante era baseada na familiaridade com a Bíblia, já que “esta é ouvida antes de ser lida, pois frequentemente o pai o lê em voz alta para a família ou o criado o lê para os patrões” (CHARTIER, 1986, p.134). Assim, a própria organização das pessoas e da comunidade girava em torno da herança religiosa que os ingleses trouxeram para os Estados Unidos.

Tida como figura majoritariamente doméstica, a mulher se beneficiou deste cenário, pois a troca de cartas e a leitura de livros eram atividades encorajadas a elas desde cedo. Os homens brancos e de elite liam majoritariamente jornais e livros de história. As mulheres brancas e de elite deveriam ler romances, poesia e livros de religião. A falta de controle sobre as transformações na realidade feminina da época fez com que a leitura, a certo ponto, passasse a ser mal vista, sustentando-se nas alegações de que “a nova geração de mulheres estava sendo desviada de suas tarefas domésticas normais”⁸ (KERBER, 1980, p.235, tradução minha).

⁷ Do original: *Purity was as essential as piety to a young woman, its absence as unnatural and unfeminine. Without it she was, in fact, no woman at all, but a member of some lower order. A "fallen woman" was a "fallen angel," unworthy of the celestial company of her sex. To contemplate the loss of purity brought tears; to be guilty of such a crime, in the women's magazines at least, brought madness or death.*

⁸ Do original: *The new generation of women was being diverted from their proper household tasks.*

Os livros de ficção eram tidos como perigosos quando abordavam histórias de amor e sedução ou endossavam um estilo de vida apaixonado como algo a ser desejado pelas moças. Os romances poderiam sugerir que elas se deixassem guiar por suas próprias emoções, libertando-se das amarras sociais e dos papéis guiados pela razão, porque podiam ser entendidos como exemplos da nova sensibilidade que seria rotulada de Romantismo”⁹ (ibid., p.245, tradução minha). A mulher tinha que ter um discernimento claro e estar sempre no controle das próprias emoções para que pudesse guiar seu marido e os filhos, garantindo o comportamento virtuoso do qual a República dependia. Para esta finalidade tão elevada, a República não precisava de mulheres que poderiam facilmente ser manipuladas pelos homens, comportamento perigoso que os romances pareciam aprovar.

O acesso à literatura, ainda que de forma limitada, se provou um avanço para as mulheres que buscavam conhecimento, pois a maior diversidade de leituras acenava para o ingresso delas em um espaço masculino dos estudos históricos, aos quais as mulheres apelaram contra as acusações da leitura fútil dos romances. Segundo a visão da época, a narrativa histórica poderia desenvolver a mente das mulheres sem despertar as paixões. Portanto, elas foram instigadas aos livros de história, mesmo que não fosse para estudá-los à fundo, muito menos para escrevê-los. Isto, porém, era um paradoxo porque “o aumento da leitura de lazer pelas mulheres implica que as mulheres tinham cada vez mais tempo de lazer”¹⁰ (ibid., p.249, tradução minha), o que não estava de acordo com a figura virtuosa da mulher responsável.

Neste cenário, começaram a surgir os primeiros círculos literários promovidos pelas mulheres. Inspiradas pelos grandes salões intelectuais franceses, essas iniciativas rapidamente se transformaram em expressivas agremiações durante o início do século XIX, reunindo mulheres interessadas em discussões literárias, sociais e políticas do momento. A diferença com relação aos salões franceses era que, nos Estados Unidos, estes grupos foram majoritariamente femininos e disponibilizavam seus manuscritos para discussão geral. Foi assim que elas buscaram maior proximidade com os acadêmicos: por meio de publicações que expunham uma nova forma de participação qualificada das mulheres no espaço público.

As reuniões desenvolveram o senso de comunidade entre as participantes e o respeito ao seu intelecto. Os grupos literários e as autoras-que publicaram sozinhas os seus manifestos tiveram importante protagonismo na transformação das vidas públicas das mulheres e da cultura civil dos nascentes Estados Unidos da América.

⁹ Do original: *These novels may be understood as examples of the new sensibility that would be labeled romanticism.*

¹⁰ Do original: *the increase in leisure reading by women implies that women had increasing amounts of leisure time.*

Os círculos literários femininos

A nova organização sócio-política que se desenhou nos Estados Unidos fez com que a fortuna das elites fosse relacionada, de forma progressiva, com uma alta intelectualidade. As transformações foram sentidas também nas academias e nas universidades, as quais aumentaram seu prestígio entre as mulheres e mantinham uma forte conexão entre os líderes nacionais e o meio acadêmico. O conhecimento formal, junto com a maior disseminação da cultura letrada e do aumento das taxas de alfabetização, contribuiu para o desenvolvimento das Luzes e seu intercâmbio de ideias, muito discutidas e questionadas em prol da formação política, econômica e social dos Estados Unidos, levando em consideração que

aquilo que é válido para o topo, para o grupo restrito dos intelectuais mais famosos, por maioria de razão será também válido para a opinião pública esclarecida, cuja extensão é provavelmente uma das características mais notórias do século (VOVELLE, 1992, p.24).

Nesse contexto, as mulheres conseguiram se beneficiar deste cenário através dos círculos literários. Os debates eram encarados como “experimentos sociais nos quais se criaram novos e transgressores modos de representação de si e dos outros” (MARTINS, 2007, p.59). As reuniões contavam com ampla participação das mulheres das classes mais abastadas, mas também de algumas das classes médias que buscavam conhecimento.

O círculo literário feminino como espaço menos hierárquico de promoção da atividade intelectual permitiu maior proximidade entre as pessoas, especialmente a partir do protagonismo feminino no cenário social e cultural. Essa iniciativa ampliou a formação e o acesso ao conhecimento por parte das mulheres.

Elas leram, escreveram, publicaram, formaram sociedades literárias, melhorando suas próprias vidas, bem como as vidas dos membros menos afortunados da sociedade. Mulheres de elite sediavam salões onde discutiam as questões da época, criando um ambiente sociável que suavizava as arestas dos políticos (SKEMP, 2016, p.4, tradução minha)¹¹.

O grande objetivo dos círculos literários americanos pode ser resumido em duas perguntas, feitas na abertura do grupo “Conversations”, em 1839, de Margaret Fuller (1810-1850): “O que nascemos para fazer? Como devemos fazê-lo?” (KELLEY, 2003, p.163, tradução minha)¹². A busca central era a de “construir

¹¹ Do original: *They read, they wrote, they published, they formed literary societies, improving their own lives as well as the lives of less fortunate members of society. Elite women hosted salons where they discussed the political issues of the day, creating a sociable environment that softened the rough edges of cantankerous politicians.*

¹² Do original: *What were we born to do? How shall we do it?*

uma vida intelectual sobre uma vida ativa”¹³ (ibid.), ou seja, conectar o saber intelectual com a ação, permitindo às mulheres serem sujeitos com margem de autonomia e liberdade. Entre os principais questionamentos de Fuller, estava a forma como homens e mulheres adquiriam conhecimento.

De acordo com a historiadora Mary Kelley (2003), os círculos começaram a se formar ainda na década de 1760, nos Estados Unidos, quando os níveis de alfabetização e educação das mulheres eram significativamente bem menores, se comparados aos dos homens no mesmo período. A insatisfação quanto a essa disparidade e o movimento em direção às Luzes incentivaram as mulheres a promover primeiras reuniões literárias.

Em seus círculos de leitura, as mulheres reivindicavam a igualdade intelectual e as oportunidades de educação à medida em que se disciplinavam com hábitos de leitura e de pensamento crítico, de escrita e de produção cultural. Elas também ensaiavam formas de sociabilidade que os americanos do século XVIII desenvolviam nas mesas de chá e nos salões literários. Mais importante, contudo, é que, em tais encontros literários, as mulheres se iniciavam em suas carreiras como formadoras da opinião pública¹⁴ (ibid., p.165, tradução minha).

Entre as décadas de 1760 e 1770, ainda antes da Revolução Americana, as mulheres das elites das áreas urbanas e rurais do Vale do Delaware¹⁵ se reuniram sob a supervisão de Milcah Martha Moore (1740-1829) para produzir poemas e romances. Martha Moore nasceu na Ilha da Madeira, mas se mudou aos 12 anos para os Estados Unidos, onde se casou com Charles Moore. Durante toda a sua vida adulta, ela se dedicou a produzir poemas e ensaios sobre os mais variados temas, abriu uma academia feminina¹⁶ na década de 1780 e participou ativamente da sociedade letrada da região. Sua extensa rede de amizades tornou possível a formação de seu círculo literário, frequentado por dezenas de jovens.

Em cada reunião, um livro era debatido e, na reunião seguinte, uma das mulheres apresentava um ensaio sobre as discussões do grupo. Esta sociedade foi mantida por muitos anos e, durante a década de 1770, Moore fez uma compilação dos trabalhos produzidos pelo seu grupo e publicou um livro chamado “*Milcah Martha Moore’s Book: A Common place Book of Early American Literature*”, que documentava a cultura literária da região baseada nas práticas coletivas de escrita e de leitura. Além disso, assuntos como

¹³ Do original: *Building up the life of thought upon the life of action.*

¹⁴ Do original: *Within their Reading circles, women exerted claims on behalf of intellectual equality and educational opportunity as they schooled themselves in habits of Reading and critical thought, writing and cultural production. They also rehearsed forms of sociability that eighteenth-century Americans performed at tea tables and salons. Most important, however, at such literary gatherings, women apprenticed themselves for careers as makers of public opinion.*

¹⁵ O Vale do Delaware se refere à região metropolitana da cidade da Filadélfia, no estado da Pensilvânia. Esta é uma extensa área do leste dos Estados Unidos, perto de Nova York, cortada pelo rio Delaware, de onde vem o nome do Vale.

¹⁶ As academias femininas se espalharam pelos Estados Unidos durante a primeira metade do século XIX e surgiram como uma das primeiras tentativas de formalizar o ensino das jovens. Elas aprendiam principalmente língua inglesa, geografia e aritmética e as instituições estavam comprometidas com o ensino prático e de curta duração.

amizade, religião, sensibilidade e a política ligada à Revolução Americana também estavam presentes na edição em formato de “cartas, ensaios, escrita de diários, epígrafes, elegias, dentre outros estilos”¹⁷ (KLEPP, 1998, p.533, tradução minha), o que reflete a variedade de temas que interessavam estas mulheres e as diferentes formas de abordagem que elas usavam para falar deles.

A publicação continha uma compilação de 126 trabalhos “destinados a instruir, entreter e conectar os homens e mulheres que apareciam no livro como assunto ou como autores”¹⁸ (ibid., p.533). As três escritoras que mais contribuíram com ensaios para esta obra foram Susanna Wright (1697-1785), Hannah Griffitts (1727-1817), e Elizabeth Graeme Fergusson (1737-1801), todas com reputações literárias conhecidas na época, o que demonstra o comprometimento das mulheres envolvidas com as atividades de escrita e leitura nos círculos.

Com seus escritos, as autoras demonstraram engajamento político e suas reações com relação aos caminhos tomados pela república americana. Estas mulheres conseguiram estabelecer uma forma de comunicação a contrapelo de jornais e revistas da época.

Esses manuscritos não apenas circularam entre amigos e parentes, mas se tornaram livros didáticos usados em escolas particulares dirigidas por mulheres. As moças copiavam essas produções literárias locais à medida em que aprendiam a ler e escrever. O público desses escritos se estendeu por gerações e de amigos a estranhos¹⁹ (ibid., p.534, tradução minha).

Outra mulher que também se envolveu com os círculos literários americanos foi Hannah Adams (1755-1831), àquela altura autora de, pelo menos, quatro livros sobre religião. Sua paixão por literatura a levou a participar e a apoiar alguns círculos que estavam nascendo, especialmente na década de 1770. Foi o caso de um círculo organizado por jovens em sua vila de Medfield, Massachusetts, as quais, da mesma forma que desenvolveram um especial gosto pela leitura. De acordo com Hannah Adams (apud KELLEY, 2003, p.166, tradução minha), este grupo “serviu de ponto de partida para a poesia e a prosa da região”²⁰

Já na região de Boston, Hannah Mather Croke (1752-1829) formou um dos primeiros círculos literários da região. Croke foi uma importante ensaísta e criou seu círculo na década de 1780. Ficou famosa anos mais tarde, em 1818, ao publicar o livro “Observations on the Real Rights of Women”, no qual defendia que homens e mulheres haviam sido agraciados com os mesmos poderes intelectuais. Vinte anos depois, outro círculo ainda mais famoso apareceu na mesma região de Boston. Em 1805, vinte jovens

¹⁷ Do original: *letters, essays, diary entries, epigraphs, elegies, satires, and more.*

¹⁸ Do original: *designed to instruct, to entertain, and to connect the women and men who appear in the book as subjects or as authors.*

¹⁹ Do original: *These manuscripts not only circulated among friends and kin but became textbooks used in private schools run by women. Young women copied these local literary productions as they learned to read and write. The audience for these writings stretched across generations and from friends to strangers.*

²⁰ Do original: *had served as a point of departure for the poetry and prose.*

mulheres se reuniram para inaugurar o “Boston Gleaning Circle”, que passou a ser a primeira sociedade literária feminina fundada após a Revolução Americana.

As jovens desse círculo referiam a si mesmas como *Gleaners*, ou seja, coletoras. Seu principal objetivo era “reunir-se socialmente em busca da verdade”²¹ (ibid., p.167, tradução minha). Utilizavam os modelos de encontros idealizados por Milcah Martha Moore, Hannah Adams e Hannah Mather Crocke no final do século XVIII. Reuniam-se todos os sábados durante duas horas e discutiam as leituras que escolhiam para “favorecer o aperfeiçoamento da mente”²² (ibid., p.168, tradução minha).

Os livros discutidos versavam sobre teologia, astronomia, história, poesia, geografia e relatos de viagens. As publicações acadêmicas eram preferíveis às literárias. As integrantes do grupo liam os títulos selecionados e, a cada semana, uma das jovens era responsável por apresentar um ensaio sobre a leitura discutida na semana anterior. Os textos refletiam um grau avançado de escrita e de reflexão das participantes do grupo, além de revelar sua visão sobre os temas sociais e políticos da época.

Esses assuntos eram a tributação britânica das colônias, os movimentos anti-consumo, os méritos dos acordos negociados e do conflito armado, e o impacto da guerra sobre os *patriots* e os *loyalists*. Sucessoras das mulheres que Moore reunira em seu livro, “Martha Moore's Book”, as *Gleaners* abordaram questões como o republicanismo e seu princípio, a virtude (ibid., p.167, tradução minha)²³.

No século XIX, mulheres brancas e negras organizaram grupos literários em praticamente todas as cidades do país para ler e escrever juntas. Além disso, a prática destas reuniões chegou também até os seminários e as academias, como parte da formação das estudantes. Assim, o nível de colaboração entre as participantes cresceu e elas passaram a participar mais ativamente das decisões tomadas dentro das próprias instituições. A organização de bibliotecas também esteve entre as tarefas realizadas pelas sociedades literárias, sendo que cada membro deveria ajudar em sua constituição. A maioria das academias “abrigava um círculo, embora as estudantes da *Limestone Springs Female High School* pudessem escolher entre as sociedades *Hemans* ou *Sigourney*, ambas batizadas em homenagem às escritoras consideradas pelas estudantes como modelos”²⁴ (ibid., p.172, tradução minha).

²¹ Do original: *Meeting in this social way to search for truth.*

²² Do original: *favorable to the improvement of the mind.*

²³ Do original: *Those issues had been the British taxation of the colonies, non-consumption movements, the relative merits of negotiated settlement and armed conflict, and the war's impact on patriots and loyalists alike. Successors to the women Moore had gathered together in her "Book," the Gleaners took up such issues as republicanism and its animating principle, virtue.*

²⁴ Do original: *housed one circle, although students at Limestone Springs Female High School could choose between the Hemans and Sigourney Societies, each of which had been named in honor of writers whom the students had claimed as models.*

Estes grupos literários tinham em comum o fato de procurarem responder “quais qualificações uma mulher deve possuir para se tornar útil e agradável?”²⁵ (ibid., p.169, tradução minha), sendo que era uma pergunta oriunda de suas dúvidas sobre a política, sobre o próprio significado de republicanismo, de virtude e de como estas importantes questões políticas e éticas se relacionavam com as mulheres. As sociedades femininas se opunham firmemente ao espaço da mulher ficar restrito ao ambiente doméstico, já que, apesar de intelectualmente capacitada, faltavam oportunidades para que pudesse ser realmente “útil e agradável”.

Desta forma, ao mesmo tempo em que elas buscavam educar a si mesmas, estas mulheres também almejavam assumir o papel de influenciadoras nas mesas de chá, pois não havia dúvidas quanto ao papel que tinham na sociedade, devendo apenas definir a extensão desse papel. “Qual [sexo] é mais influente na sociedade, homens ou mulheres?”²⁶ (ibid., p.174, tradução minha), indagaram os membros da sociedade *Sigourney* em uma reunião. Isto é, não se questionava se as mulheres tinham influência, mas qual era sua extensão e como poderia ser usada a seu favor.

Além dos registros oficiais das associações, dezenas de autobiografias, diários e cartas documentam as muitas sociedades que floresceram na América logo após a Guerra. Entre elas, estavam a *Ladies Reading Society* em St. Johnsbury, Vermont, o *Minerva Clube* em New Harmony, Indiana, o *Ladies Social Circle* em Templeton, Massachusetts, o *Hearthstone* na cidade de Nova York, e a *Brontë Society* em Madison, Indiana²⁷ (ibid., p.183, tradução minha).

Em 1827, na cidade de Lynn, Massachusetts, mulheres negras organizaram a *Society of Young Ladies* para ler obras que as fizessem adquirir maior conhecimento literário. Quatro anos depois, mulheres negras da Filadélfia fundaram a “Female Literary Association”. Na mesma cidade, a “Female Minerva Association” (1834) e a “Edgeworth Literary Association” (1836) também começaram suas atividades. Grupos semelhantes surgiram em Boston e em Providence, em 1832, em Rochester, em 1833, na cidade de Nova York, em 1834 e 1836, e em Buffalo, em 1837. Ser membro de uma sociedade literária “servia a uma variedade de propósitos para as mulheres negras individualmente, assim como para as brancas”²⁸ (ibid., p.187, tradução minha), principalmente para o aperfeiçoamento da escrita. Com o passar dos anos, as sociedades femininas afro-americanas desempenharam um papel muito importante na conscientização política.

²⁵ Do original: *what qualifications a female ought to possess, to render her both useful and pleasing?*

²⁶ Do original: *Which [sex] has the most influence on society men or women?*

²⁷ Do original: *In addition to associations' official records, scores of memoirs, journals, diaries, and letters document the many societies that flourished in antebellum America. Among them were the Ladies Reading Society in St. Johnsbury, Vermont, the Minerva Club in New Harmony, Indiana, the Ladies Social Circle in Templeton, Massachusetts, the Hearthstone in New York City, and the Brontë Society in Madison, Indiana.*

²⁸ Do original: *served a variety of purposes for individual blacks, as it did for individual whites.*

As sociedades literárias de mulheres negras começaram a aparecer com mais força na década de 1830 e com uma progressiva participação de homens negros, em razão do crescente número de escravos libertos na região norte dos Estados Unidos. Eles encontraram nos círculos literários um caminho para desenvolver o intelecto, o que poucas vezes conseguiam fazer da mesma forma que as pessoas brancas por causa de sua condição como ex-escravos. Muitas vezes, as sociedades literárias surgiram dentro das igrejas e foram encabeçadas por reverendos, como explica Dorothy Porter (1936), ao falar sobre a segregação que ainda existia fortemente entre brancos e negros e que vetava a participação de mulheres negras nos círculos literários junto com mulheres brancas.

Embora o grupo “Conversations”, de Margaret Fuller, seja o mais conhecido dos círculos de leitura, é importante reconhecer que o que ela estava tentando realizar num pequeno círculo em Boston era um experimento que também ocorria em todo o país entre as mulheres. Em diversos lugares, elas estavam se preparando para o papel de formadoras da opinião pública, participando ativamente da elaboração do pensamento crítico e na produção cultural, desenvolvendo o raciocínio e aprendendo a dominar os valores da sociedade civil e da cidadania republicana. Elas aprenderam sozinhas “a se levantar e falar [...] e, ao fazê-lo, prepararam-se para exercer influência em suas comunidades, regiões e, em casos como o de Fuller, em sua nação”²⁹ (ibid., p.196, tradução minha).

Várias foram as formas encontradas por elas para conseguir por si mesmas e, com ajuda umas das outras, o que não logravam ter pelas vias institucionais. Uma das soluções encontradas pelas mulheres para ampliar suas redes de influência e aumentar o alcance de suas vozes foi a prática da publicação de livros e artigos em revistas ensaísticas, abordando temas socioculturais e políticos da época e expressando suas ideias, muitas vezes, por meio das protagonistas de seus livros de ficção.

Da leitura e da conversa, é interessante passar à escrita. [...] Em todos os países, o número de publicações femininas aumenta no século XVIII, sinal de uma instrução melhor, mas também do desejo de não serem apenas companheiras cujo talento é mostrado somente às pessoas próximas. Se algumas mulheres acham mais prudente ficar na sombra do anonimato, de um pseudônimo ou do autor que traduzem, outras não hesitam em enfrentar abertamente a opinião pública (GODINEAU, 1992, p.327-328).

Enquanto as publicações masculinas defendiam reformas baseadas no contrato social, na construção de nações e nas melhores formas de governo, as publicações femininas, também tratavam sobre esses temas áridos, mas com um ponto de vista que recorria aos conceitos de Liberdade e Igualdade, defendidos durante a Revolução Americana, que se estendessem não apenas aos homens.

²⁹ Do original: *These women taught themselves to stand and speak [...] and in doing so prepared to exercise influence in their communities, their regions, and, in cases such as Fuller's, their nation.*

A ordem política tradicional passava, com isso, a ser questionada, assim como o lugar e a função das mulheres. Novas perspectivas foram exploradas em relação ao papel que elas deveriam ter, mas, independentemente de quais fossem, estariam submetidas ao poder masculino de mantê-las em posições dependentes de seus pais e maridos. Esta foi uma amarga constatação muito presente nos textos de autoria feminina nos séculos XVIII e XIX nos Estados Unidos.

As mulheres se encontravam no centro das divergências em relação à conduta ideal esperada delas: deviam ser cultas o suficiente para acompanhar seus maridos, representar a família e educar os filhos. No entanto, nada poderia ser excessivo, para não serem consideradas fúteis ou *coquettes*, pois a atenção demasiada aos estudos, à leitura e ao desenvolvimento da mente poderia torná-las “pedantes, masculinas e egoístas” (GODINEAU, 1992).

Numa república, as mulheres já não são frívolas, fracas e passivas, mas dignas, enérgicas e ativas. Os homens devem olhar de modo diferente para suas companheiras, devem avaliá-las pelas suas qualidades morais e não pela sua beleza física (ibid., p.331-332).

Nesse sentido, as mulheres americanas refletiram as expectativas femininas da época também presentes nos países europeus. Havia também o fator republicano adicionado à questão: ainda que a independência tivesse sido conquistada pelo uso das armas, somente pela educação poderia ser mantida e assegurada à nova comunidade nacional. Os debates a respeito da mulher acompanharam as novas demandas sociais, culturais e políticas que também estavam em discussão. No entanto, as tensões se ampliavam também por causa das crescentes disputas internas. Por este motivo, é necessário o conhecimento a respeito das diferenças entre os americanos, em especial o da diferença sexual feminina, entendida, supostamente, como inferior pela filosofia natural e pela medicina, que se tornou ainda mais relevante durante o século XIX para justificar a exclusão das mulheres do cenário político e da educação formal.

As diferenças foram postas em debate público durante a primeira metade do século XIX, quando em 1848 aconteceu a Primeira Convenção pelos Direitos das Mulheres, em Seneca Falls, onde Elizabeth Cady Stanton surpreendeu a todos os presentes ao apresentar a sua Declaração de Sentimentos, um documento assinado por 68 mulheres e 32 homens, que ecoava os termos da Declaração de Independência redigida por Thomas Jefferson em 1776. Stanton reescreveu a famosa Declaração apresentando uma nova versão que mantinha as mesmas justificativas para a emancipação dos americanos com relação aos ingleses. Desta vez, porém, ela escreveu em defesa da emancipação das mulheres americanas com relação aos homens, considerando que “apesar da América ter conquistado a independência com a Revolução, não houve uma ruptura legal intensa com o passado. O sistema de leis comuns permaneceu intacto. Na verdade,

em certo sentido, o objetivo era a continuidade e não a derrubada”³⁰ (RICCI, 2009, p.212, tradução minha). Ou seja, Stanton sagazmente mostrava que a discussão sobre dependência/independência ainda tinha muito a ser explorada e enfrentada, mesmo após mais de cinquenta anos do término dos conflitos armados.

Alguns anos mais tarde, em 1854, Elizabeth Ellet publicou a “História Doméstica da Revolução Americana”, livro no qual compilou dezenas de exemplos de mulheres que haviam sido decisivas para o sucesso dos homens durante as Guerras de Independência. Ela utilizou este trabalho para argumentar fortemente em favor dos direitos políticos das mulheres. Na obra, ela retorna ao período revolucionário, explicando que

a influência e o empenho das mulheres em todas as partes do país contribuíram para promover um espírito de patriotismo. Elas confirmaram a devoção própria daqueles que se aventuravam pela causa comum. Enfrentaram períodos de frieza e lentidão e, no período de escuridão mais profunda, espantaram o desânimo. Elas voluntariamente compartilharam perigos e privações inevitáveis, renunciaram sem pesar aos benefícios para si mesmas e se separaram daqueles que amavam mais do que a vida, sem saber quando os encontrariam novamente³¹ (ELLETT, 1854, p.42, tradução minha).

Entre as notáveis do período, também estava Judith Sargent Murray, que se destacou com o texto “Sobre a Igualdade entre os Sexos”³² (1790), publicado na “Massachusetts Magazine”. Murray viveu na região de Boston e manteve publicações recorrentes em pelo menos três revistas, assinando seus artigos como “Constantia” ou “Mr. Gleaner”. Ela influenciou importantes trabalhos que surgiram durante o século XIX e participou das primeiras reuniões dos círculos literários. Suas publicações foram amplamente debatidas pelos leitores das revistas, que enviavam cartas-respostas para a Massachusetts Magazine sobre a situação política das mulheres.

Conclusão

Com este artigo, busquei entender a formação dos círculos literários femininos como mecanismo de mobilização de mulheres que queriam discutir a situação política dos Estados Unidos e delas mesmas como republicanas. As regiões de Boston e de Nova York tiveram a maior quantidade de círculos, mas as reuniões

³⁰ Do original: *Although America gained independence from the Revolution, there was no sharp legal break with the past. The common law system (American style) remained intact. Indeed, in some sense, the aim of the Revolution was continuity, not overthrow.*

³¹ Do original: *At this period the influence and exertions of women in all parts of the country contributed to promote a spirit of patriotism. They animated the courage, and confirmed the self-devotion of those who ventured all in the common cause. They frowned upon instances of coldness or backwardness, and in the period of deepest gloom, cheered and urged onward the desponding. They willingly shared inevitable dangers and privations, relinquished without regret prospects of advantage to themselves, and parted with those they loved better than life, not knowing when they were to meet again.*

³² Do original: *On the Equality of the Sexes.*

de mulheres se espalharam por todo o país. Durante os encontros, a literatura tida como “apropriada” para elas, isto é, os romances, foi substituída por leituras de cunho político, econômico e social, sendo que as discussões geraram textos escritos e publicados pelas próprias mulheres em diversos jornais e revistas.

O ideal de feminilidade estava em voga no período por causa das transformações advindas do fim do domínio inglês. Era o início de uma nova organização americana e a República dependia de todos os cidadãos, ainda que apenas uma camada específica de homens brancos usufrísse dos direitos formais e de representação pública. Mesmo assim, a maior proximidade com a palavra escrita permitiu que as mulheres utilizassem a literatura como forma de manifestação política ao discutirem e escreverem seus próprios textos.

Desde a década de 1770, com Martha Milcah Moore, os encontros literários entre mulheres as incentivavam a escrever. Podemos encarar o aumento nas produções de autoria feminina e a crescente discussão sobre seu papel na sociedade como produtos desta rede de sociabilidade que unia as mulheres pelos laços de amizade e pela necessidade em comum de questionar certos padrões. O Boston Gleaning Circle, por exemplo, se tornou notável pela grande quantidade de participantes e as reuniões entre as mulheres alcançaram as academias e escolas femininas.

Os círculos como reuniões entre mulheres estiveram presentes durante toda a história dos Estados Unidos, especialmente considerando a grande influência europeia da região. Entretanto, foi entre os séculos XVIII e XIX, durante todo o processo de independência e construção nacional que tiveram maior força, pois os ideais revolucionários alcançaram também as mulheres, que se dedicaram à formação de um novo governo e demonstraram o seu nacionalismo. Através da literatura, da escrita e da educação elas provaram sua virtude cidadã fora de seu vínculo doméstico ou por sua associação com os homens, contribuindo com voz ativa para as discussões sobre a cidadania republicana.

Referências

- CHARTIER, Roger. **As Práticas da Escrita**. In: ARIÈS, Philippe; DUBY Georges. História da vida privada 3 - Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 224p.
- ELLET, Elizabeth. **Domestic History of the American Revolution**. 1. ed. Nova York: Charles Scribner, 1854.
- GODINEAU, Dominique. **A Mulher**. In: VOVELLE, Michel. O Homem do Iluminismo. 1ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

- KELLEY, Mary. "A More Glorious Revolution": Women's Antebellum Reading Circles and the Pursuit of Public Influence. **The New England Quarterly**, vol. 76, n. 2, p.163-196, 2003.
- KERBER, Linda. The Republican Mother: Women and the Enlightenment - An American Perspective. **American Quarterly**, Iowa, v. 28, n. 2, p. 187-205, jan./1976.
- _____. **Women of the Republic: Intellect and Ideology in Revolutionary America**. 1. ed. Virginia: University of North Carolina Press, 1980.
- KLEPP, Susan. Review on Milcah Martha Moore's Book: A Commonplace Book from Revolutionary America. **Pennsylvania History**, v.65, n.4, p.533-535, 1988.
- MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, v.11, p.107-125, jan. 1998.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidades nos salões iluministas. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 46, p. 51-67, 2007.
- MORAES, Maria Lygia. Usos e limites da categoria gênero. **Cadernos pagu**, v. 11, p. 99-105, jan. 1998.
- MURRAY, Judith. **On the Equality of the Sexes**. The Massachusetts Magazine, 1790. In: HARRIS, Sharon (org.). **Selected Writings of Judith Sargent Murray**. 1ªed. Oxford University Press, 1995. 320p.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru-SP: EDUSC, 2005.
- PORTER, Dorothy. The Organized Educational Activities of Negro Literary Societies, 1828-1846. **The Journal of Negro Education**, v.5, n.4, p.555- 576, 1936.
- RICCI, Samantha. Rethinking Women and the Constitution: an Historical Argument for Recognizing Constitutional Flexibility with Regards to Women in the New Republic. **William & Mary Journal of Women and the Law**, v. 16, n. 1, p. 205-235, 2009.
- STANTON, Elizabeth Cady. **Declaration of Sentiments**. 1848. Disponível em: https://www.womensrightsfriends.org/pdfs/1848_declaration_of_sentiments.pdf. Acesso em: 19 mai. 2022
- SKEMP, Sheila. **Women and Politics in the Era of the American Revolution**. Oxford Research Encyclopedia of American History, p.1-21, 2016.
- VOVELLE, Michel. **O Homem do Iluminismo**. 1ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997.
- WELTER, Barbara. The Cult of True Womanhood: 1820-1860. **American Quarterly**, v. 18, n. 2, 1966, p. 151-174.

Recebido em 12/03/22 aceito para publicação em 07/06/22.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.